

A GESTÃO ESCOLAR E A DEMOCRATIZAÇÃO DOS PROGRAMAS VOLTADOS PARA AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Solange Mary Moreira Santos – UEFS-Bahia

solange.santos@ig.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva investigar o posicionamento de gestores escolares e de professores, frente à gestão e à democratização dos programas voltados para as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas escolas públicas de Educação Básica. Optou-se pela abordagem qualitativa, com vistas a investigar a articulação das políticas públicas no Ensino Fundamental e Ensino Médio e os programas e projetos de uso das tecnologias na Escola, que possui laboratório de informática e o Programa TV Escola. Essa pesquisa pretende colaborar com práticas pedagógicas mais democráticas e plurais.

Palavras-chave: tecnologias; currículo; práticas pedagógicas

Introdução

No contexto contemporâneo, a explosão tecnológica na educação tem aprofundado o significado pedagógico dos "novos" recursos tecnológicos, propondo alternativas de incorporá-los aos processos educacionais, englobando tanto a organização do trabalho na escola, quanto os processos de ensino, com vistas à melhoria da aprendizagem de seus alunos. Isto, de alguma forma, afeta o campo do currículo, das práticas pedagógicas e, ao entrar no mérito das possíveis mediações estruturantes que essas tecnologias podem implementar, não se pode desconsiderar a natureza do contexto cultural e sociopolítico que produzem: “a cibercultura” (MACEDO, 2007).

A escola representa o espaço de formação. Então, não se devem ignorar as mudanças no próprio conhecimento conseqüentes das profundas transformações sociais e tecnológicas, bem como a revolução nos sistemas de informação e comunicação delas decorrente (HARGREVES, 2004). A educação não passa indiferente à chegada das tecnologias da informação e da comunicação.

Nesse sentido, para implementação dessas mudanças, é necessário buscar novas formas de gerenciamento das escolas no enfrentamento dessa realidade, o que requer um sistema de organização e gestão da escola materializada por um conjunto de ações, recursos e procedimentos, que propiciem adaptações rápidas às demandas de uma sociedade em transformação e para que os objetivos almejados pela instituição sejam alcançados.

A partir dessa concepção de gestão, a tecnologia assume papel fundamental na tentativa de modernizar as práticas educativas, com base na aquisição de recursos técnicos e na adoção de metodologias de ensino que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências) de participação e compartilhamento (tomada de decisões conjunta e efetivação de resultados) e autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) (LUCK, 2006,).

Atualmente, sabe-se que instrumentalizar apenas a escola com recursos materiais não garante a mudança necessária para o desenvolvimento da educação. É preciso, no contexto da sociedade da informação em que se vive que o professor seja preparado para atuar com os desafios dos novos tempos, marcados pelo rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs). São evidentes as mudanças provocadas no setor produtivo, econômico e cultural, exigindo da escola novas práticas curriculares, que consigam agregar elementos da cultura digital em seu projeto educativo. Desse modo, um dos caminhos fundamentais para que se possa atingir essa finalidade é a formação de professores, peças-chave nesse processo. Eles precisam ser “preparados para compreender seu papel na sociedade, participando, com a direção, nessa difícil missão de reconstruir a escola, revendo as bases pedagógicas e sociais e propondo novas formas de organização para o trabalho educativo” (ALONSO, 2007, p. 22).

A partir dessas considerações, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação do Professor /NUFOP, da Universidade Estadual de Feira de Santana / UEFS, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia/FAPESB, avaliou como relevante a realização de uma pesquisa, que investigue o posicionamento dos gestores escolares e dos professores frente à gestão e à democratização dos programas voltados para as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas Escolas Públicas de Educação Básica, do Ensino Fundamental e Ensino Médio, visando à integração das tecnologias nas práticas educativas e no currículo escolar, com ênfase na formação de professores. Desse modo, foram levantadas as seguintes questões: Como as escolas têm incorporado em seus currículos o uso das TIC? Como o professor pode se apropriar das TICs, de modo a tornar a sua prática mais eficaz?

As questões aqui elencadas encontram-se articuladas para responder às características e aos objetivos deste estudo, que pretende propiciar a integração das tecnologias às práticas educativas e ao currículo escolar, com ênfase na formação do

professor, de forma tal que, através do trabalho docente, possa construir saberes e garantir a aprendizagem dos alunos.

Tomando por base as questões citadas, essa pesquisa optou pela metodologia qualitativa, utilizando-se dos seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevista semi-estruturada, com vistas a investigar a articulação das políticas públicas com o Ensino Fundamental de 5ª à 8ª série, com o Ensino Médio e com os programas e projetos de uso das tecnologias na Escola. Este projeto, tem como *locus* de pesquisa escolas situadas em zona urbana da rede pública de Feira de Santana/Bahia, as quais foram selecionadas dentre aquelas que possuem laboratório de informática e o Programa TV Escola. No entanto, a dificuldade em encontrar escolas que atendessem a todos esses critérios indicou a necessidade de, em alguns casos, deixar de lado um desses critérios. Foi o caso de incorporar escolas sem laboratório, mas que contam com uma infra-estrutura mínima tecnológica e algumas escolas com laboratório, mas que não têm um corpo docente para o desenvolvimento de atividades com o uso das TICs.

Assim, os primeiros momentos de implementação da pesquisa evidenciaram os contatos mantidos com as escolas através da direção, da coordenação e dos professores, na tentativa de penetrar naqueles universos, realizar uma interlocução com aquelas comunidades e criar para o grupo de pesquisadores uma infra-estrutura adequada, a fim de dar sustentação ao trabalho a ser desenvolvido. Após o levantamento dessa infra-estrutura, realizou-se entrevistas com os diretores e coordenadores das escolas envolvidas com a pesquisa.

Diante desses desafios impostos, é fundamental que a escola reveja suas práticas pedagógicas tradicionais e obsoletas e o professor ressignifique o seu fazer pedagógico produzindo conhecimento e tenha autonomia frente às mudanças de comportamentos, atitudes, práticas e necessidades sociais, que ocorrem na atualidade. Isto justifica a preocupação de situar esta pesquisa numa dinâmica de integração entre os sujeitos, a produção de conhecimento a partir das tecnologias e novas práticas educativas, tendo em vista a construção de uma escola melhor e mais efetiva.

A tecnologia no âmbito educacional

A linguagem na era digital ganha novas interações proporcionadas pelo movimento das tecnologias eletrônicas. Novas formas de conhecer são estruturadas com o

ordenamento linear dos textos escritos, convivendo com os hipertextos, a interconexão. O que se percebe é uma potencialização das diferentes técnicas que se multiplicam, mixando-se os elementos do digital e possibilitando novas formas de expressão e de interação.

Nessa perspectiva, não significa dizer que, com o advento das tecnologias digitais, a cultura oral e a escrita venham a desaparecer em função de uma nova técnica. A oralidade ganha novo significado e uma força muito grande na sociedade digital. Os sons, sobretudo da televisão, das músicas, dos jingles memorizados formam nossos discursos e estruturam nossa cultura.

Desse modo, a nova sociedade digital, segundo Kenski (2003), não se caracteriza pela exclusão ou oposição aos modelos anteriores de aquisição e utilização dos conhecimentos armazenados na memória humana ou cibernética. Sua característica é o envolvimento; sua prática, a mixagem. Nas redes informáticas, autores e leitores se mesclam em tempo real, através da própria situação de produção/aquisição de conhecimentos. A velocidade das alterações “na esfera de produção de conhecimentos e informações ocasiona a duração efêmera das múltiplas mensagens e desobriga os sujeitos do exercício de retê-las como verdades” (2003, p.44).

As novas linguagens dos meios de comunicação eletrônicos e das tecnologias, cada vez mais, se tornam parte ativa da construção das estruturas de pensamento das crianças e jovens. Nesse sentido, cabe ao gestor da escola propor novas formas de organizar o trabalho escolar e estimular, especialmente, o professor a apropriar-se dessas linguagens, bem como das inovações tecnológicas, a fim de adentrar o universo do aluno e explorar esses mecanismos em prol da formação desse sujeito. A esse respeito Alonso (2007, p. 31) ressalta que “os gestores são os responsáveis diretos por todo o desempenho escolar, isto é, pelos resultados apresentados pelos alunos e pelo conceito que a escola desfruta”.

A forma como encaram essa questão e as ações desenvolvidas podem facilitar ou dificultar esse processo, estimular ou não os professores a utilizarem a sala de informática com objetivos pedagógicos, ultrapassando uma visão tradicional de uso de computadores apenas como instrumentos de ensino, conforme se nota no depoimento a seguir:

[...] nós temos uma das metas de aprendizagem da escola: é o uso das novas tecnologias. O professor tem que avaliar o aluno nessa meta. Então, a gente sempre está deixando aberto para o professor utilizar. O professor pode reservar essa sala para vir com os alunos, para passar

algum trabalho, para eles manusearem. No ano passado, eu estava fazendo um trabalho com eles e percebi que eles tinham dificuldade de pegar no mouse, no teclado; então, alguns alunos passaram a ter acesso a isso. E a gente começou a trabalhar em 2006 com esses alunos e muitos se desenvolveram muito, aprenderam até a ler e a escrever usando essa tecnologia. Então, ela é importante, ela é uma aliada na aprendizagem. Agora o professor tem que saber usufruir disso.

Segundo Cysneiros (2000), os administradores educacionais têm reclamado que os professores não utilizam as tecnologias disponíveis na escola. São comentários do tipo: "professor é muito conservador", "tem medo de mudar", ou "usa o vídeo ou o computador em casa, mas não na escola". O autor considera essa visão reducionista e até mesmo injusta a atitude de responsabilizar os professores pelo atraso tecnológico do ato de ensinar. Segundo ele, outras questões contribuem para a falta de trabalho com as tecnologias na escola, entre elas está a ausência de infra-estrutura material e gestão de pessoal de apoio nas escolas.

Frente a transformações advindas do desenvolvimento das tecnologias ao mundo tecnológico, considera-se válido destacar programas oriundos das políticas públicas para as escolas do Brasil.

Os programas tecnológicos educacionais de formação de recursos humanos

Na década de 1990, o governo brasileiro elaborou políticas públicas educacionais que orientaram a inserção do país na sociedade da informação. Para tanto, criou vários programas de tecnologias educacionais para a formação de gestores, professores e coordenadores pedagógicos em informática educacional das escolas da rede pública. Buscou prover condições para a incorporação das TICs à prática pedagógica, propiciando ao aluno a aprendizagem significativa.

Em maio de 1996, antes mesmo da aprovação de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, foi criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED) através do Decreto nº 1.917, que visava implantar a política do governo federal de educação a distância e de informatização das escolas públicas do país. Nesse mesmo ano, foi criado o Programa TV Escola, que fora experimentalmente lançado no Piauí, em setembro de 1995. Em outros Estados, foi ao ar em março de 1996. Também, nesse mesmo ano, foi criado o Programa de Apoio Tecnológico (PAT), instituído pela Resolução n.15 do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação/FNDE, que

financiou progressivamente os kits tecnológicos para as escolas das redes municipal e estadual de ensino, com mais de 100 (cem) alunos.

Em dezembro desse mesmo ano, foi aprovada a Lei nº 9.394/96, que, no artigo 80, incorporou como competência do poder público incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada. Assim, enfatiza a valorização do magistério através da utilização do ensino a distância, o que, significativamente, contribui para a adoção de programas e políticas públicas para as escolas brasileiras.

Como consequência, constatou-se uma série de iniciativas, a exemplo da criação do Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo), pela Portaria nº 522, em abril de 1997. Esse programa tinha como objetivo introduzir as TICs na escola pública como ferramenta de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, por meio da telemática.

Em 1998, uma pesquisa da SEED, em âmbito nacional, em parceria com o Núcleo de Políticas Públicas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, ao avaliar a implantação do TV Escola, demonstrou que o Programa existe em dois terços das escolas públicas brasileiras, atingindo uma cobertura estimada de “[...] 73% dos alunos (21,9 milhões) e 70% dos docentes (840 mil) do Ensino Fundamental público” (DRAIBE & PEREZ, 1999, p.32). A mesma pesquisa, também, revelou que a implantação do kit tecnológico no início do Programa não encontrou obstáculos quanto à instalação das antenas e receptores. No entanto, seu funcionamento já indicava dificuldades: “[...] a gravação de filmes e a sua plena utilização na capacitação docente ainda não ocorrem satisfatoriamente [...] por conta da falta de familiaridade dos docentes com o uso das tecnologias” (DRAIBE & PEREZ, 1999, p.45).

Atualmente, o programa está presente em cerca de 90% da rede pública brasileira de ensino, atingindo em torno de 28 milhões de alunos e um milhão de professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Ainda, a SEED/MEC vem substituindo as antenas parabólicas analógicas por digitais, tendo em vista a proposta de digitalização do Programa, que já transmite para diversas escolas no país a programação em sistema digital, melhorando, assim, o sistema de recepção da TV Escola, o que permite maior qualidade de imagem e som.

O objetivo do Ministério é instalar a TV Escola Digital nas 180 mil escolas de ensino básico, dentro de quatro anos. A pretensão é criar mais conteúdo para os cursos

de formação continuada dos professores e ofertar um canal de retorno para que o professor possa mandar mensagens com sugestões e pedir conteúdos específicos.

Segundo dados do MEC/INEP (2006), o Proinfo está presente em 5.564 municípios, dando assistência na implantação em 6.251 escolas e em 244 Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE). Cada unidade da Federação tem quota percentual definida proporcionalmente ao número de alunos e escolas de sua rede pública de ensino tanto para a instalação de computadores, como para o número de NTEs.

Pesquisas realizadas sobre o gerenciamento administrativo e pedagógico do Programa TV Escola identificaram a ausência de uma gestão mais efetiva desse Programa no trabalho pedagógico do professor, no seu dia-a-dia, o que tem contribuído para não efetivação dessas políticas tecnológicas nas escolas. Os materiais impressos (revistas, cadernos e agenda da programação) nas escolas são pouco divulgados junto aos professores.

Por outro lado, em pesquisa realizada em 2008, em 10 escolas da zona urbana, do Ensino Fundamental de 5ª à 8ª série e do Ensino Médio da rede pública do município de Feira de Santana, constatou-se que em oito deles há laboratório de informática, sendo que uma está aguardando a implantação e outra apenas dispõe de alguns computadores. A interconexão da rede varia entre os percentuais de 90% a 50% dos computadores. Os laboratórios são pouco utilizados pelos professores, bem como TV, vídeo, retroprojetor. Pode-se, ainda, constatar que os laboratórios são espaços pouco utilizados pelos professores pelas seguintes razões: por não saberem operacionalizar os equipamentos; por não conseguirem estabelecer relação com os conteúdos curriculares; por considerarem insuficientes o número de máquinas em relação aos alunos; por alegarem que o tempo de deslocamento de alunos de uma sala para outra compromete o tempo de aula; pela preocupação dos professores acerca da exclusão digital, questão decorrente do insuficiente número de computadores para incluir mais alunos ao projeto; pela falta de manutenção desses equipamentos, bem como de um profissional para dar suporte técnico.

Sobre a necessidade de ter um profissional para manutenção nas máquinas, um dos gestores envolvidos na pesquisa apontou como maior dificuldade para gerir as TICs na escola:

Falta na escola um profissional específico para cuidar desses computadores. Um profissional que possa capacitar algum outro profissional. As meninas da secretaria, por exemplo, não sabem manusear o computador. Então, eu acho que é uma dificuldade ainda, as pessoas não sabem lidar com essa tecnologia. E a gente percebe

que os alunos tão aprendendo lá fora e não aqui na escola. Não é certo. A escola é o local de aprendizagem. Se não aprendem na escola, onde vão aprender? Na Lan house?

Nesse sentido, constatou-se que os gestores e professores não se sentem suficientemente preparados para a utilização dos equipamentos eletrônicos de forma integrada à práxis pedagógica, alegando ainda pouca disponibilidade de horários para participarem de cursos ou oportunidades para estarem presentes junto aos professores-multiplicadores.

Sobre o uso do Proinfo nas escolas brasileiras, pesquisas evidenciam a importância de se preparar também o professor para a utilização do computador na sua prática pedagógica. A esse respeito, Quartiero (2002) analisou a situação atual da formação de professores para atuar com informática na educação. Os dados revelaram que um dos aspectos que têm sido constantemente mencionados pelos coordenadores desse Programa é a necessidade de capacitar os professores das escolas antes da instalação dos computadores. Esse seria o grande diferencial da proposta e não simplesmente instalar um número muito grande de equipamentos e esperar que todos os professores passem a usá-los.

Para Bernand (2006), embora já seja possível verificar um número grande de laboratórios de informática nas escolas públicas e privadas, não são muitas as experiências de informática educativa como suporte para desenvolvimento de atividades pedagógicas. A navegação na internet e a busca de fontes de informação parecem ser os usos mais comuns do computador. A inclusão digital ainda é considerada, para a autora, um profundo processo de exclusão, embora já esteja incorporada no discurso político, por causa dos altos custos dos equipamentos e de acesso à rede internet. Por outro lado, Pretto (1996) ainda adverte:

Não basta, portanto, introduzir na escola o vídeo, a televisão, o computador ou mesmo todos os recursos multimidiáticos para fazer uma nova educação. É necessário repensá-la em outros termos porque é evidente que a educação numa sociedade dos *mass media*, da comunicação generalizada, não pode prescindir da presença desses novos recursos; porém, essa presença, por si só, não garante essa nova escola e nova educação (p.112).

O uso das TICs na prática docente

Ao falar em formação do professor para o uso da TICs, é fundamental que se tenha a compreensão de que vem ocorrendo muitas mudanças nas formas de ensinar e

aprender (KENSKI, 2007). Isto remete a oportunidades para que os educadores reflitam sobre suas práticas, em seu ambiente de atuação. É nessa direção que se insere a pertinência de projetos no cotidiano escolar, usando recursos tecnológicos, na perspectiva de criar uma nova cultura educacional (NÓVOA, 1995), revisando a mudança na escola como um todo.

Conforme Vieira (2003) é fundamental a ocorrência de uma ressignificação do espaço escolar, da sua função social, dos tempos, das práticas e das formas de gestão, para que de fato se prepare o aluno com o perfil adequado para integrá-lo ao contexto contemporâneo.

Nas diferentes perspectivas de análise sobre as mudanças organizacionais que a escola deve passar, ressalta-se a especificidade da instituição escolar e a necessidade de entender a sua gestão com base em seus fins pedagógicos, considerando a relevância de acompanhar as transformações nas novas formas de incorporar o conhecimento. Para Luck (2006), a busca constante pela qualidade e pela melhoria da educação perpassa pela definição de desempenho e competências de gestores escolares e, em particular, de seus diretores. Vale ressaltar o modo de nortear e orientar o desenvolvimento da escola e da melhoria do seu trabalho educacional pedagógico, instrumento de fomento de participação e fortalecimento da autonomia.

A direção, como o princípio e o atributo da gestão, tem a responsabilidade de mediar o trabalho conjunto das pessoas, orientando-as e integrando-as rumo ao encontro de objetivos comuns. Requer do diretor o conhecimento do estado real da escola, a observação e a avaliação do desenvolvimento do processo de ensino com objetividade, compartilhando as experiências docentes bem sucedidas (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003).

Uma escola capaz de proporcionar o compartilhamento de decisões e responsabilidades mútuas entre professores pais, alunos, funcionários e direção passa a demandar novos formatos organizacionais capazes de fazer surgir uma nova escola dentro da coletividade (MELLO, 1992), como centro das atenções, local onde acontece a contradição, o respeito mútuo, o pensamento autônomo, a independência, o espírito crítico, o senso de justiça, entre outros.

Nesse sentido, Castro (2007, p. 141) sinaliza que:

[...] o fortalecimento da escola pública requer, portanto, a criação de uma cultura de participação para todos os seus segmentos e a melhoria das suas condições. Esse é o desafio posto para os educadores que acreditam na possibilidade de criação de espaços

democráticos como superação da nova lógica de mercado presente na atual política educacional.

Essas referências levaram à realização de uma investigação com professores da rede pública de ensino de Feira de Santana/UEFS/ Bahia, com o desafio de descobrir como o professor pode se apropriar das TICs de modo a tornar a sua prática docente mais eficaz.

Os resultados preliminares dessa pesquisa apontam que o uso pedagógico das tecnologias na prática do professor ainda se encontra em estágio embrionário, pela ausência de condições físicas, materiais e técnicas adequadas quanto à postura de dirigentes escolares pouco familiarizados com essa questão. Há uma dificuldade de compreensão a respeito de potencialidades das tecnologias para a melhoria de qualidade do processo de ensino e de aprendizagem. A maioria dos professores envolvidos no estudo demonstrou a falta de conhecimento em relação às contribuições das tecnologias, da mesma forma que consideram a incorporação à prática pedagógica incipiente para a inserção no acompanhamento das atividades curriculares.

Os gestores, apesar de reconhecerem o potencial tecnológico que pode estar a serviço da função administrativa e pedagógica da escola, ainda estabelecem limites quanto a sua utilização no espaço escolar, seja pela falta de conhecimento do professor, seja pelo uso inadequado que os alunos fazem, conforme evidencia o depoimento de uma gestora:

Sei que as tecnologias facilitam muito o dia-a-dia da gente; a maioria dos professores da escola ainda não sabe usar os computadores e mesmo aqueles que usam não fazem uma relação com o planejamento. Então, os alunos quando vão para a sala improvisada de informática eles acessam site de orkut, msn, youtube.

Em algumas escolas, percebem-se iniciativas isoladas de algumas áreas, como Língua Portuguesa, Artes, Inglês e Matemática, na utilização dos recursos tecnológicos.

Assim, o projeto em questão, ao pensar em integrar as tecnologias às práticas educativas e ao currículo escolar, inicia com uma reflexão acerca do uso das TICs na prática pedagógica, buscando caminhos que levem profissionais a explorar os recursos tecnológicos como um meio, para auxiliá-los no trabalho cotidiano. A utilização de equipamentos, especificamente, explora o potencial do computador e utiliza seus aplicativos constantemente.

Nesse contexto, cabe ao professor assumir o papel de mediador entre o aluno e a tecnologia, colaborando com o desenvolvimento de uma postura crítica frente às

mensagens emitidas por esses meios. Nessa linha de reflexão, o relato de uma professora reconhecendo a importância do uso das TICs é expressivo, apesar de não compreender como concretizar, na prática:

Hoje em dia, os alunos sabem usar o computador melhor que os professores. Também só aprendi a usar o básico. Aqui na escola tem o Programa TV Escola, mas não foi instalado por falta de condições. Também, o que adianta se ninguém sabe usar?

Para Sampaio e Leite (1999), esse tipo de trabalho só será concretizado na medida em que o professor dominar o saber relativo às tecnologias tanto em termos de valoração e conscientização de sua utilização (por que e para que utilizá-las), quanto em termos de conhecimentos técnicos (como utilizá-las de acordo com a realidade).

Os professores criticaram também a instalação do programa LINUX nos computadores das escolas, pela Secretaria de Educação do Estado, sem que houvesse a preparação de professores e técnicos para atuarem com o referido programa. A esse respeito, o relato de uma professora é significativo em relação à necessidade de capacitação de professores para trabalhar com as TICs, conforme demonstra o trecho a seguir:

Reconheço a importância do projeto e concordo com a necessidade dos professores se prepararem, pois os computadores recebidos através do programa Proinfo não estão sendo utilizados, porque muitos professores não dominam o sistema operacional Linux que está instalado nesses computadores.

Tais constatações impõem aos sistemas de gestão municipal, estadual e federal uma profunda reflexão sobre suas propostas de formação de professores e a estrutura gerencial dos programas de tecnologia na escola. A questão curricular também é um elemento importante, uma vez que os novos currículos precisam ter outras bases, não mais bases lineares e sim, concepções hipertextuais, que levem à experimentação de práticas pedagógicas mais democráticas e plurais.

Entende-se, pois, que o modo como as escolas de educação básica estão se relacionando com os desafios da sociedade da informação, inclusive o modo como incorporam as TICs na sua prática pedagógica, exige a incorporação das tecnologias na gestão escolar e nas ações pedagógicas dos professores, criando um movimento direcionado para a ampliação do uso dessas tecnologias no contexto pedagógico.

Considerações finais

As análises teóricas apresentadas neste texto serviram como instrumento e ferramentas potenciais para a compreensão das diferentes circunstâncias que focalizam as tecnologias, no que diz respeito à formação do gestor e do professor.

As especificidades da realidade de cada escola, bem como a identificação da congruência entre os problemas das diferentes unidades, permitiram melhor compreender as dificuldades e possibilidades de contribuições relacionadas ao uso pedagógico do laboratório de informática inserindo as tecnologias no cotidiano de trabalho do professor. Dessa forma, alguns pontos emergiram da investigação, permitindo desvelar as questões fundamentais da pesquisa, como, por exemplo, a percepção de que:

- as TICs não se apresentam como prática cotidiana nas escolas;
- o tempo e o espaço escolar não favorecem o desenvolvimento de práticas com o uso de tecnologias;
- o setor de informática das escolas envolvidas na pesquisa está sem uso, pois a instalação do programa e a responsabilidade por eventuais danos seriam da alçada da Direção, a qual não quer assumir tal responsabilidade e, em decorrência disso, não permite o uso dos equipamentos;
- os gestores têm reclamado que os professores não utilizam as tecnologias disponíveis na escola, embora não os estimulem para o uso das TICs, articulados ao planejamento, isto é, os gestores não instalam uma política democratizadora do uso da TIC;
- os professores não conhecem os recursos didáticos dos programas TV Escola e PROINFO;
- falta um programa de formação continuada nas escolas para capacitação de professores para o uso das TICs;
- há ausência de manutenção das máquinas.

Essas indicações evidenciam a importância da gestão da escola em contemplar o desenvolvimento de ações, que garantam a inserção das Tecnologias nos currículos, assegurando ao professor a formação indispensável para que utilize meios de exploração dos diversos recursos disponíveis e, sobretudo, a reflexão sobre o próprio trabalho nos dias atuais, ampliando a visão da função exercida.

Referências

ALONSO, Myrtes. Formação de gestores escolares: um campo de pesquisa a ser explorado. ALMEIDA, M. E. B.; ALONSO, M. Tecnologias na Formação e na gestão Escolar. São Paulo: AVERCAMP, 2007.

BRENNAND, Edna G. (2006.): Hipermissão e novas engenharias cognitivas nos espaços de formação. *XIII Encontro de Didática e Prática de Ensino: Políticas educacionais, tecnológicas e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino*. Organizadoras: Aida Maria Monteiro Silva. et al. Recife : ENDIPE. (p. 199-211).

CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. Gerencialismo e Educação: estratégias de controle e regulamentação da Gestão Escolar. CABRAL NETO, Antonio et al. (org.) *Pontos e contrapontos da política educacional: uma leitura contextualizada de iniciativas governamentais*. Brasília: Ed. Líber, 2007.

CYSNEIROS, Paulo G. Iniciação à informática na perspectiva do educador. *Revista Brasileira de Informática na Educação* (Brasil, UFSC), n. 07, Set, 2000. Disponível em: www.sbc.org.br/bibliotecadigital/download.php?paper=857 acesso em: 10 de março de 2009.

DRAÍBE, Sonia Miriam; PEREZ José Roberto Rus. O Programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias. *Cadernos de Pesquisa*, n. 106, mar, 1999. (p.27-50).

HARGREVES, F. (org.) *O ensino na sociedade do conhecimento*. Porto Alegre: Artemed, 2004.

LIBÂNEO, José Carlo; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

LÜCK, Heloisa. *Gestão educacional: uma questão Paradigmática*. Petrópolis: Vozes, 2006.

KENSKI, Vani Moreira. (2003): *Tecnologia e Ensino Presencial e a distância*. Campinas/SP: Papyrus.

_____. *Educação e tecnologias o novo ritmo da informação*. Campinas/SP: PAPIRUS, 2007.

- MAGALHÃES, Ligia Karam Corrêa de. Programa TV Escola: O dito e o visto. BARRETO, Raquel Goulart (Org.). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet., 2001. (p.105-119).
- _____. Programa TV Escola: O dito e o visto. (1999): 140f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- MACEDO, R. S. A. Currículo: campo, conceito e pesquisa. 1. ed. Petrópolis: VOZES, 2007.
- MELLO .G. N. *Autonomia da escola: limites e possibilidades*. São Paulo: Papirus 1992.
- NÓVOA, António. *As organizações escolares em análise*. Lisboa, Publicações Dom Quixote/III, 1995.
- NUNES, Lina Cardoso. A voz dos professores da escola pública sobre informática educativa e a urgência na qualificação docente. In: *1º Seminário Nacional ABED de Educação a Distância: Habilidades e Talentos em EAD*. Belo Horizonte. Anais do 1º Seminário Nacional ABED de Educação a Distância: Habilidades e Talentos em EAD, 2003.
- QUARTIERO, Elisa Maria. As tecnologias de informação e de comunicação no espaço escolar: o Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo) em Santa Catarina. 221f. *Tese* (Doutorado em Engenharia de Produção) da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002. Disponível em: [<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/3345.pdf>] acesso em: 13 de novembro de 2007.
- PRETTO, Nelson De Luca. *Uma escola sem/com futuro*. Campinas /SP: Papirus, 1996.
- SAMPAIO, Marisa; LEITE, Ligia. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- VIEIRA, A. T. Sistema de informação e comunicação: apoio à aprendizagem coletiva na escola. In: VIEIRA, A. T.; ALMEIDA, M. E. B.; ALONSO, M. *Gestão educacional e tecnologia*. São Paulo: Avercamp, 2003.